

UMA QUESTÃO VITAL PARA A PRESERVAÇÃO DAS CULTURAS A EDIÇÃO CRÍTICA E A CRÍTICA TEXTUAL

José Pereira da SILVA (UERJ)

RESUMO: O objetivo da Crítica Textual é salvar do esquecimento as obras que constituem o patrimônio espiritual de uma civilização, expurgando-as das alterações, mutilações e adições introduzidas pelo uso ou pelo desleixo dos copistas e editores. Recuperar a obra de Gregório de Matos (o primeiro grande poeta brasileiro), por exemplo, e a obra de Alexandre Rodrigues Ferreira (o primeiro naturalista do domínio português) é uma tarefa em que a Crítica Textual trará grande contribuição para a preservação da cultura nacional brasileira.

RESUMEN: El objetivo de la Crítica Textual es poner a salvo del olvido las obras que forman el patrimonio espiritual de una civilización, expurgandolas de las alteraciones, mutilos y adiciones introducidas por el uso o por el descuido de los copiadores y editores. Recuperar la obra de Gregório de Matos (el primero poeta brasileño), por ejemplo, y la obra de Alexandre Rodrigues Ferreira (el primero naturalista del dominio português) es una tarea en que la Crítica Textual puede ofrecer contribución hacia la preservación de la cultura nacional brasileña.

1. Introdução

“A necessidade de constituir textos autênticos se faz sentir quando um povo de alta civilização toma consciência dessa civilização e deseja preservar dos estragos do tempo as obras que lhe constituem o patrimônio espiritual”, lembra Erich Auerbach ([1972]: 11), acrescentando que o objetivo desse trabalho é “salvá-las não somente do olvido como também das alterações, mutilações e adições que o uso popular ou o desleixo dos copistas nelas introduzem necessariamente”.

Logo após o nascimento da Filologia como comentário de texto, lembra Segismundo Spina (1994:65--66), surgiu a Crítica Textual, “considerada por numerosos eruditos como a mais nobre e a mais autêntica” de suas atividades, e a edição crítica de textos, que representa o ponto de chegada de todo o labor filológico. Entre os gregos, isto ocorreu, naturalmente, porque

Quando os povos entram em exaustão de suas energias criadoras, isto é, num período de cansaço via de regra se tornam saudosistas, debruçando-se sobre o seu passado numa tentativa de recriação.

Foi, portanto, do amor à poesia que nasceu a ciência filológica. Voltados para a restauração, inteligência e explicação dos textos, o labor desses eruditos consistiu em catalogar as obras, revê-las, emendá-las, comentá-las, provê-las de sumários e de apostilas ou anotações (*escólios*), de índices e glossários (indicações marginais sobre as variantes das palavras), de tábuas explicativas, tudo isso complementado com excursos biográficos, questões gramaticais e até juízos de valor de natureza estética. (SPINA, 1994: 66-67)

Vale lembrar que o texto é o objeto de estudo da Filologia, independentemente de sua natureza. Apesar de dar prioridade aos textos literários, aplica-se também aos textos históricos, aos científicos, aos filosóficos, aos religiosos, aos políticos, aos diplomáticos etc., cuidando da preservação da cultura dos povos falantes das línguas em que eles foram produzidos e dos contextos em que surgiram.

Diferentemente da Crítica Genética, que se preocupa em estudar a evolução do texto até chegar a sua forma definitiva (registrando suas fontes e as alterações feitas pelo autor, e estudando o seu processo criativo flagrado no próprio ato de construção da obra), diferentemente, a Crítica Textual e a Filologia se preocupam prioritariamente com a sua genuinidade, com o estabelecimento do texto mais fiel possível à última vontade do autor.

Para estabelecer a autenticidade de uma obra e saber se ela é verdadeira ou falsa, a Filologia se vale da Diplomática, que faz a crítica formal dos documentos a partir de seus caracteres externos, tais como “a matéria escriptória, os instrumentos gráficos, as tintas, os selos, as bulas, os timbres, inclusive a letra, a linguagem, as fórmulas”. (SPINA, 1994: 25).

Recentemente, a Codicologia vem servindo mais diretamente a Filologia, quase que substituindo o auxílio que antes lhe davam a Paleografia e a Diplomática. Surgida na segunda metade do século XX, a Codicologia foi divulgada, entre outros, por Alfonse Dain (1964 e 1973) como a ciência que “estuda a qualidade e a preparação do pergaminho, a natureza e a origem do papel, a composição das tintas e das cores utilizadas na decoração, os mínimos detalhes da encadernação (dimensão e composição dos cadernos), modos de numeração, entrelineamento, colunas, margens, reclamos, dimensões das letras, motivos iconográficos, a própria escritura.” (SPINA, 1994: 28)

Enfim, a Filologia é uma ciência auxiliar de quase todas as outras e é auxiliada por numerosas delas, como não poderia deixar de ser. Para abonar esta afirmativa, voltamos novamente ao livro de Filologia Românica de Auerbach ([1972]: 17-18) para uma longa e esclarecedora citação:

Mesmo que saibamos ler um texto e compreendamos a língua em que está escrito, isto não basta, amiúde, para lhe entendermos o sentido. Ora, é mister compreender, em todas as suas nuances, um texto que se queira publicar; como julgar, sem isso, se uma passagem duvidosa é correta e autêntica? Aqui, a porta se abre de todo; não há limites a impor aos conhecimentos que possam ser exigidos do editor, conforme as necessidades do caso: conhecimentos estéticos, literários, jurídicos, históricos, teológicos, científicos, filosóficos; acerca de quanto o texto contenha deve o editor obter todas as informações que as pesquisas forneceram. É necessário tudo isso para julgar de que época, de que autor pode ser determinado texto anônimo; para decidir se uma passagem duvidosa está de conformidade com o estilo e as idéias do autor em questão; se determinada lição está bem no contexto do conjunto e se, tomando em consideração a época e as circunstâncias em que foi escrita, determinada passagem deve ser antes lida na versão apresentada pelo manuscrito A que na apresentada pelo manuscrito B. Em suma, a edição do texto comporta todos os conhecimentos de que sua explicação exija; é verdade que, na maior parte das vezes, é impossível possuí-las todas; um editor escrupuloso ver-se-á frequentemente obrigado a aconselhar-se com especialistas. Dessarte, a edição de textos está intimamente ligada às demais partes da Filologia e, por vezes, a outros ramos bem diversos do saber; ela pode pedir-lhes auxílio e lhes fornece, repetidas vezes, um material precioso.

Para iniciar uma discussão prática sobre algumas das questões apontadas nesta introdução, abordaremos principalmente duas obras da maior importância literária e histórico-científica do Brasil: a obra poética de Gregório de Matos (do século XVII) e a obra histórico-científica resultante da expedição de Alexandre Rodrigues Ferreira (do século XVIII) denominada Viagem Filosófica.

1.1. Gregório de Matos

Sabe-se, por exemplo, que Gregório de Matos foi o terror de seu tempo, não deixando escapar quem quer que seja de sua sátira. Naturalmente, com a imprensa rigorosamente controlada pelo poder público, suas obras só foram publicadas séculos depois, conservando-se exclusivamente em manuscritos produzidos, algumas vezes, a partir de textos memorizados por seus admiradores. Considerado o maior problema textual da literatura brasileira, somente a partir da última década do século XX, começa a ser estudado, de fato, do ponto de vista da Crítica Textual, com os trabalhos de Francisco Topa (1999 e 2001), em Portugal, e de Fernando da Rocha Peres e Silvia la Regina (2000), na Bahia.

Como contribuições importantes para os progressos dos estudos ecdóticos da obra do “Boca do Inferno”, não deixaremos de lembrar a primeira tentativa de organizar a publicação das obras completas do poeta, por Afrânio Peixoto, de 1923 a 1933; a importante recolha de sua obra poética, feita por James Amado (1992), tomando como base o códice que se encontra na Coleção Professor Celso Ferreira da Cunha; a divulgação romanceada de sua obra por Ana Miranda (1990) e o trabalho de crítica literária de Adriano Espínola (2000), entre outros numerosos trabalhos de diversa natureza e valor acadêmico.

1.2. Alexandre Rodrigues Ferreira

Mesmo sendo a obra literária o material em que prioritariamente se debruça o editor crítico, vem sendo crescente o número e a qualidade das edições de obras históricas e científicas que estavam abandonadas nos acervos das bibliotecas-museus, com o risco de desaparecerem definitivamente, como é o caso da obra do naturalista baiano Alexandre Rodrigues Ferreira, de quem comemoramos no dia 27 abril de 2006 os 250 anos de nascimento.

Apesar de não ser uma obra literária *stricto sensu*, ali se encontram também algumas peças de oratória em português e em latim, uma vasta correspondência e numerosas monografias com belas descrições da História Natural do Norte e do Centro Oeste do Brasil, ilustradas com centenas e centenas de desenhos, além de terem sido preparados os materiais descritos para os museus de Portugal, onde pudemos recolhê-los fotograficamente e disponibilizá-los para os estudiosos.

Recolher este material em uma edição crítica, mesmo que precária, por causa da enorme quantidade de informações e da diversidade extremada de possíveis interessados nos assuntos ali tratados, é um trabalho que preocupa e deve preocupar a todos aqueles que têm vocação filológica e amor à cultura brasileira.

2. A questão de autoria para uma edição crítica da obra de Gregório de Matos

Entre as diversas questões de que trataremos aqui, apontaremos como exemplo de atividade em que se empenham os filólogos, a questão de autoria, mostrando os problemas que ela constitui na obra atribuída a Gregório de Matos.

Seguramente, este é um dos problemas mais cruciais na edição da obra de Gregório de Matos, pois ele não deixou nenhum texto autógrafa de toda a sua riquíssima produção poética, nem conseguiu publicar em vida nenhum poema de que se tenha notícia, não somente por causa da restrição à imprensa feita pela metrópole até a vinda da família real para o Brasil, mas também porque o poeta Gregório de Matos era uma constante ameaça aos poderosos de todas as categorias (os primeiros a dar maus exemplos, com usos e costumes indignos dos cargos que ocupavam), tornando-se a expressão da sátira e utilizando sua arte com extrema maestria para pôr em ridículo todos os vícios e pecados da sociedade de seu tempo.

Como um ídolo do povo, que sabia dizer o que transbordava o coração dos que zelavam pelos bons costumes, sua poesia era copiada, distribuída, recitada e cantada por toda parte. Por isto, alguns textos hoje publicados como sendo de Gregório correspondem a uma versão recolhida da memória popular, com as interferências e adaptações que naturalmente ocorrem na literatura oral de qualquer espécie.

Alguns textos atribuídos a Gregório de Matos já eram conhecidos e até publicados antes do nascimento do poeta, por autores também conhecidos, pois é muito comum que alguém decore um poema, musicado ou não, sem saber de quem é a autoria, e, conscientemente ou não, o atribua incorretamente a alguém que conheça de nome ou de fama.

Há poemas atribuídos a Gregório de Matos na tradição impressa que nunca o foram na tradição manuscrita, outros cuja tradição demonstra a impossibilidade de sua autoria, além de alguns que trazem referências históricas posteriores a sua morte.

Sobre esta questão de autoria, abonaremos nosso raciocínio com as reflexões do Professor Francisco Topa, em longa citação, que pedimos licença para ler:

A exclusão dos 3 sonetos que integram o primeiro grupo é a mais pacífica e evidente. Por motivos concretos que explicamos numa breve introdução que antecede a sua edição, trata-se de textos que de fato fazem parte de manuscritos que recolhem poemas de Gregório de Matos mas em que figuram sem indicação de autoria. Num dos casos, foi-nos possível identificar o provável autor, mas nos outros dois optamos por considerar os textos como anônimos.

No segundo grupo, devido ao grande número de sonetos envolvido, as causas para a exclusão são mais variadas e apresentam um grau de evidência e de solidez que vai decrescendo. Os 13 primeiros surgem em testemunhos, impressos ou manuscritos, anteriores ao nascimento de Gregório ou seus contemporâneos, atribuídos a outros autores ou sem indicação de autoria. A partir daí, as razões para a exclusão dos poemas do cânone gregoriano não são tão evidentes, ainda que, em nossa opinião, o exame do leque de testemunhos justifique sempre com elevado grau de segurança a nossa decisão. Em geral, e independentemente da quantidade de testemunhos envolvido - que tanto pode ser mínima como ultrapassar as três dezenas -, acontece que o número de atribuições favoráveis ao poeta baiano é muito baixo e que as fontes testemunhais em causa oferecem, pelas razões que explicaremos, um grau de credibilidade bastante débil. Num leque razoável de casos foi-nos possível identificar com bastante segurança os autores dos textos, mas noutros casos decidimos considerá-los como sendo de autoria indeterminada.

A causa que justifica a exclusão dos sonetos do terceiro grupo é de tipo diferente, já não tendo propriamente a ver com o exame dos testemunhos que os transmitem. Neste caso é a consideração do conteúdo dos textos que nos mostra que eles apresentam referências históricas que são posteriores a Gregório de Matos. (Cf. TOPA, 1999: II, Anexo, 15).

3. A questão textual da obra poética atribuída a Gregório de Matos

Analisando o importante trabalho do Professor Francisco Topa (1999), Maurizio Perugi (2004: 325) observa que “sempre que o editor tem que escolher entre um decassílabo heróico perfeito e uma variante metricamente `anômala', a primazia é constantemente atribuída ao primeiro. De forma análoga, toda estrutura que apresente um hiato ou uma diérese, será considerada, em princípio, como suspeita, e sistematicamente marginalizada, em favor de outra mais `regular”.

Depois desta constatação, que mostra bem o cuidado com que analisou o trabalho de Topa, Perugi conclui professoralmente:

Parece-nos supérfluo repetir que, no plano da crítica textual, o percurso correto é, muitas vezes, exatamente o oposto. Com efeito, também no caso de Gregório de Matos, as chamadas estruturas anômalas parecem susceptíveis de constituir, sem qualquer dúvida, outros tantos fatores dinâmicos, cuja eficácia heurística consiste na possibilidade de o editor explicar, a partir deles, as demais oscilações e alternativas, que se podem observar no conjunto da tradição manuscrita. (PERUGI, 2004: 325-326)

Esta crítica do filólogo italiano pode ser, senão contestada, ao menos amenizada, no caso específico de Gregório de Matos, pelo fato especial de se tratar de um poeta do qual não se conhece nenhum autógrafo nem edição feita durante sua vida, e pelo fato de haver um número tão expressivo de cópias de seus poemas: 292 manuscritos e 40 fontes impressas (num total de 332), correspondentes a mais de 20.000 páginas (Cf. TOPA, 1999: I, 1, 20-21). Perugi reconhece que a evidência de que “qualquer que for o testemunho escolhido como suporte da edição, estas estruturas métricas e prosódicas terão de ser reconstituídas, enquanto `difficilores', no texto crítico” (*Idem, ibidem*).

Enfim, seja qual for o critério utilizado para o estabelecimento do texto mais fiel possível da obra de Gregório de Matos, haverá sempre outras propostas excelentes e, em muitos casos, até melhores do que a realizada. Por isto, certamente, é que o filólogo de Maia confessa:

Apesar da seriedade e do empenho com que o realizamos, sabemos que uma edição crítica é uma mera proposta que só muito timidamente se pode esperar venha a ser definitiva. Por outro lado, temos a noção clara de que estamos a pisar terreno mais ou menos virgem [...]. Além do mais, estamos cientes de que a especificidade e a complexidade do processo de transmissão da obra gregoriana nos levaram a opções de base que não são óbvias nem necessariamente pacíficas. (TOPA, 1999: I, 1, 23)

4. A incontestabilidade de importância da obra de Gregório de Matos

A avaliação crítica da produção literária da época de Gregório de Matos está carente de maiores cuidados, principalmente por não se perceber o quanto essa produção artística está próxima da vida em seu tempo e no Brasil, e o quanto a fantasia da arte nos aproxima da verdade em todos os tempos e lugares. Mas, como nos ensina Segismundo Spina, “não estamos em condições de apreciar devidamente a poesia de Gregório de Matos, porque o trabalho preliminar de uma edição crítica de suas obras ainda está por ser feito, e as edições da Academia deixam muito a desejar, inçadas de erros textuais” (SPINA, 1986: 119)

O mais importante biógrafo de Gregório de Matos lembra, na oportunidade em que publica o códice RBM (que pertenceu a Rubens Borba de Moraes), que

A **fortuna** da poesia de **GM**, que ficou guardada em códices, a sua maioria do século XVIII, feitos por copistas (por isto mesmo obra apógrafa não autógrafa) é muito copiosa. A sua fortuna crítica é grande, com Araripe Jr., que publicou o primeiro livro alentado sobre o poeta [em 1894], até Haroldo de Campos, que escreveu *O Seqüestro do Barroco na Formação da Literatura Brasileira: o caso Gregório de Matos*, Salvador, FCJA, 1989, 125 p., obra de enorme valor para resituar **GM** em nossa literatura. (PERES, 2000: 22).

5. A questão de autoria da obra de Alexandre Rodrigues Ferreira

Assim como na obra atribuída a Gregório de Matos, encontramos também a questão de autoria na obra atribuída a Alexandre Rodrigues Ferreira, apesar de estar quase toda conservada em cópias autógrafas ou anotadas de próprio punho por ele.

No caso de Alexandre Rodrigues Ferreira, a questão de autoria é de outra natureza. Como ele era o chefe da expedição científica ou “viagem filosófica”, o produto resultante desse empreendimento é atribuído a ele como “autor”, do mesmo modo que atribuímos ao Aurélio e ao Houaiss a autoria dos seus *Dicionários* ou como atribuímos os CIEPs a Leonel Brizola ou a Darcy Ribeiro.

Não sendo ele um “desenhador” nem um “jardineiro botânico”, foi quem programou e coordenou as atividades do registro iconográfico da expedição e a preparação e envio do material recolhido para os museus de Portugal, além de redigir “participações”, “notícias”, “diários”, “memórias”, “cartas” etc. que registram detalhadamente os progressos e dificuldades do empreendimento, além de recolher e organizar no seu espólio os documentos produzidos por outros especialistas envolvidos como ele na demarcação dos limites entre os domínios de Portugal e da Espanha na América.

Alexandre Rodrigues Ferreira é o autor intelectual do conjunto de documentos editado agora sob o nome de *Viagem ao Brasil de Alexandre Rodrigues Ferreira*, mas também o é diretamente de milhares de páginas de documentos redigidos pessoalmente por ele como os que nos referimos acima como “diários”, “participações”, “memórias” etc.

Cabe ao filólogo, entre outras coisas, identificar também estas características da autoria em cada um dos documentos e textos atribuídos a ele ou a algum de seus numerosos auxiliares.

6. Que tipo de edição crítica deve ser feita da obra de Alexandre Rodrigues Ferreira?

Quando Topa preparou a edição de sua tese de doutorado, em 1999, lembrou-se de que uma edição crítica supõe, naturalmente, a escolha do público a que se destina. Por isto, preparou uma edição para os especialistas, com apenas 150 exemplares, e prometeu uma futura edição, informando: “Por último, cremos que é sempre possível (e até relativamente fácil) modificar uma edição do tipo da nossa, orientando-a num sentido mais modernizador, sobretudo se o objetivo passar a ser o de chegar a um público mais alargado. Esse é aliás um trabalho que nós próprios tencionamos fazer em breve.” (TOPA, 1999: II, 21)

Como a obra de Alexandre Rodrigues Ferreira reúne informações de numerosas especialidades, seria praticamente impossível uma proposta de edição que atendessem a todas elas. Com isto, apesar de aparentemente mais difícil, a edição crítica de sua obra fica obrigatoriamente na categoria das que se destinam a “um público mais alargado”, supostamente despreocupado com as questões filológicas, lingüísticas ou literárias.

Apesar da simplicidade a que é levada a atividade filológica do editor de textos da obra de Alexandre Rodrigues Ferreira, o trabalho se torna extremamente complexo por causa das diversas formas em que é apresentado, exigindo a colaboração de numerosos especialistas na sua preparação e de recursos financeiros muito mais altos do que os esperados da edição crítica de um texto literário.

Neste particular, como esses documentos permaneceram inéditos durante mais de dois séculos, passando por situações de grandes riscos (como o transporte fluvial, em canoas, inicialmente, pelos rios da Amazônia, e marítimo em diversas travessias do Atlântico, e mudados diversas vezes de um para outro acervo, por situações políticas e militares, ora por acordo amigável, ora seqüestrados e roubados), sofreram diversos revezes e nem sempre podem ser inteiramente reconstituídos.

Também por causa de suas numerosas viagens, muitos desses documentos estão dispersos em diferentes acervos públicos e particulares, principalmente no Brasil, em Portugal, na França e na Espanha, não somente em sua forma textual propriamente dita, como nas outras formas de documentação (desenho, pintura, fotografia, peça de museu etc.).

Os textos produzidos pelo próprio Ferreira, naturalmente, têm de ser estabelecidos criticamente, obedecendo aos métodos da Crítica Textual (e esta é a minha tarefa no projeto), mas os textos que analisam a obra e a vida do autor dos pontos de vista especializados (da História, da Geografia, da Botânica, da Zoologia, das Artes Plásticas, da Arquitetura etc.) são reproduzidos em fac-símiles, quando antigos, ou produzidos por pesquisadores das diversas especialidades do conhecimento técnico ou científico. Além disso, todos os volumes são ilustrados com os desenhos e plantas produzidos pela expedição do Alexandre e com fotografias do material ainda existente que ele mandou para os museus de Portugal.

Desse material, já foram publicados onze volumes, sob o título de *Viagem ao Brasil de Alexandre Rodrigues Ferreira*, e ainda há material preparado para mais uns seis volumes, pelo menos, para os quais

esperamos continuar conseguindo apoio de patrocinadores e instituições de fomento, e lucro para os seus empreendedores, visto não se tratar de material com retorno comercial viável em curto ou médio prazo.

Considerando-se a variedade de informações que contém essa obra, poderíamos dizer que ela traz uma contribuição de extrema importância para a cultura brasileira, em todas as áreas de conhecimento e em quase todas as especialidades já desenvolvidas e em desenvolvimento até o início do século XIX.

7. O que já se fez e o que resta fazer das obras desses dois baianos ilustres

Quando as tropas francesas, chegando a Portugal, fizeram a corte portuguesa mudar a sede do governo para o Brasil, Alexandre Rodrigues Ferreira preferiu ficar na Europa, na esperança de conseguir publicar o resultado da pesquisa em que investiu longos anos de sua vida, já que Napoleão tinha a fama de grande admirador e protetor das ciências e das artes.

Logo depois, entretanto, teve o desprazer de ver a transferência de todo o seu material bibliográfico e de grande parte das amostras que se encontravam sob a guarda do governo português para os museus e bibliotecas de Paris, caindo em tão grande depressão que veio a falecer poucos anos depois, sem ver o seu sonho realizado.

Mais tarde, estabelecida a paz com a França, foi devolvido apenas o material bibliográfico, ficando com os franceses todo ou quase todo o material levado dos museus portugueses, quando Ferreira já não podia reiniciar a organização e a publicação de sua obra.

Morto, em 1815, a esposa doou o espólio da obra ao museu, supondo que através da Academia das Ciências de Lisboa, o governo pudesse cuidar de sua publicação. Por falta de recursos, o governo português não pôde efetivar esta promessa, como pretendia, cedendo esse direito ao governo brasileiro, anos mais tarde.

Proclamada a independência do Brasil, tivemos a possibilidade de começar a publicação desse espólio, que foi trazido pelo Barão de Drummond e guardado na Biblioteca Nacional, de onde o Imperador D. Pedro II mandou retirar o material de que precisou para preparar a sua edição, através da *Revista do Instituto Histórico Nacional*, sem indicação do editor responsável, possivelmente pelo próprio Imperador, em 1885 (234 páginas), 1886 (165 páginas), 1887 (130 páginas) e 1888 (161 páginas). A publicação foi interrompida porque, com a proclamação da República, os detentores do poder não quiseram dar continuidade aos projetos do regime e do governo anterior.

Durante o governo da ditadura militar, o Conselho Federal de Cultura, sob a presidência de Arthur Cezar Ferreira Reis, projetou a publicação dessa obra em 4 volumes de memórias (Geografia, Antropologia, Zoologia e Botânica, Medicina e Assuntos Gerais) e pelo menos 5 de iconografia (I- Geografia e Antropologia, II- Zoologia, III e seguintes - Botânica). Dos nove ou mais volumes programados, somente quatro foram publicados, os dois primeiros da série “memórias” e os dois primeiros da série “iconografia”.

Além dessas tentativas frustradas, tanto o governo português quanto o brasileiro já empenharam verbas e nomearam comissões especializadas para levar a cabo essa tarefa mais de uma vez, mas jamais conseguiu fazê-la chegar a termo.

Por fim, inicia-se em 1993 um projeto de pesquisa da obra de Alexandre Rodrigues Ferreira na Universidade do Estado do Rio de Janeiro, com a proposta inicial de uma *Edição Crítica da Obra de Alexandre Rodrigues Ferreira*, que já constitui o maior conjunto de obras publicadas de e sobre o esse grande naturalista, além de já estar com material preparado para mais uns seis volumes, aproximadamente, graças à adesão dos proprietários luso-brasileiros da Kapa Editorial, que busca patrocínio e apoio de órgãos públicos e empresas públicas e privadas nos dois países de suas nacionalidades.

Além de boa parte da iconografia de Botânica, que é a mais rica da obra de Ferreira, ainda faltam ser publicadas quase todas as memórias dessa especialidade, além de sua rica correspondência direta e indireta, somando umas duas mil páginas de manuscritos do autor e quase todo o acervo de autoria de auxiliares diretos e indiretos, como os trabalhos do Pe. Dr. José Monteiro de Noronha, do Ouvidor Geral Francisco Xavier Ribeiro de Sampaio e de muitos outros.

8. Conclusão

Precisamos salvar a memória cultural do Brasil por meio de edições filológicas de seus documentos históricos, científicos e literários.

Como se vê, a Crítica Textual tem uma extrema utilidade pública de preservação da cultura dos povos através dos textos escritos em suas línguas, o que é digno de admiração e acolhimento.

É natural que nem sempre os recursos da Crítica Textual sejam necessários para se ter uma boa edição de um documento, pois ele pode estar preservado em bom estado e não pertencer a uma fase tão distante da

língua que contenha dificuldades de entendimento para o leitor comum.

A Filologia e os filólogos terão de tomar esta importantíssima e indispensável decisão, com paixão pelo saber com ardor patriótico, para não perdermos definitivamente algumas fontes que ainda restam frábeis em nossos acervos públicos e privados.

9. Referências bibliográficas

AMADO, James (ed.). *Gregório de Matos: obra poética*. 3ª ed. Preparação e notas de Emanuel Araújo. Rio de Janeiro: Record, 1992, 2 vol.

ARARIPE JÚNIOR, Tristão de Alencar. *Gregório de Matos*. Rio de Janeiro: Faucon, 1894.

AUERBACH, Erich. *Introdução aos estudos literários*. Tradução de José Paulo Paes. [2ª ed.]. São Paulo: Cultrix, [1972].

BARBOSA, Januário da Cunha. *Parnazo brasileiro, ou Collecção das melhores poezias dos poetas do Brasil, tanto ineditas, como já impressas..*Rio de Janeiro: Typographia Imperial e Nacional, 1831, 2 vols.

CABRAL, Alfredo do Valle (ed.). *Obras poeticas de Gregorio de Mattos Guerra precedidas da vida do poeta pelo licenciado Manuel Pereira Rebello*, tomo. I: Sátiras. Rio de Janeiro: Typographia Nacional, 1882.

DAIN, Alphonse. Introduction à la paléographie. **In:** SAMARAN, Charles (Dir.). *L'Histoire et ses méthodes*. Bruges: Gallimard, 1973.

_____. *Les manuscrits*. Paris: Belles Lettres, 1964.

ESPÍNOLA, Adriano. *As artes de enganar*. Um estudo das máscaras poéticas e biográficas de Gregorio de Mattos. Rio de Janeiro: Topbooks, [2000].

FERREIRA, Alexandre Rodrigues. *Viagem filosófica ao Rio Negro*. Edição organizada por Carlos de Araújo Moreira Neto. [Belém: Museu Paraense Emilio Goeldi, 1983].

_____. *Viagem filosófica ao Rio Negro*. Iconografia. Rio de Janeiro: Conselho Federal de Cultura, 1971. Vol. I- Geografia e Antropologia; Vol. II- Zoologia.

_____. *Viagem filosófica ao Rio Negro*. Memórias. Rio de Janeiro: Conselho Federal de Cultura, 1972. Vol. I- Geografia e Antropologia; Vol. II- Zoologia e Botânica.

HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Antologia dos poetas brasileiros da fase colonial*. Rio de Janeiro: INL, 1953, 2 vols.

MELO E SOUZA, Ronaldes. As máscaras de Gregório de Mattos. **In:** ESPÍNOLA, Adriano. *As artes de enganar*. Um estudo das máscaras poéticas e biográficas de Gregorio de Mattos. Rio de Janeiro: Topbooks, [2000], p. 15-17.

MIRANDA, Ana. *Boca do inferno*. Romance. 4ª ed. rev. pela autora. 5ª reimp. São Paulo: Cia. das Letras, 2001.

MORAIS FILHO, Melo. *Parnaso brasileiro*. Rio de Janeiro. 1885, 2 vols.

PEIXOTO, Afrânio (Dir.). *Obras de Gregório de Matos*. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 1923-1933, 6 vols. [II- Lírica, 1923; I- Sacra, 1929; III- Graciosa, 1930; IV e V - Graciosa, 1930; VI- Última, 1933].

PERES, Fernando da Rocha; REGINA, Silvia la (Orgs.). *Um códice setecentista: inédito de Gregório de Mattos*. Salvador: Edufba, 2000.

PERUGI, Maurizio. Os sonetos de Gregório de Matos: algumas reflexões sobre a tradição manuscrita. **In:** SPAGGIARI, Barbara; PERUGI, Maurizio. *Fundamentos da crítica textual*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2004, p.324-349.

SILVA, José Maria Pereira da. *Parnaso brasileiro ou Seleção de poesias dos melhores poetas brasileiros desde o descobrimento do Brasil precedida de uma introdução histórica e biográfica sobre a literatura brasileira*. Rio de Janeiro: Eduardo e Henrique Laemmert, 1843, 2 vols.

SOARES, José Paulo Monteiro; FERRÃO, Cristina (orgs. e eds.). *Viagem ao Brasil de Alexandre Rodrigues Ferreira*. [Kapa Editorial, 2002], 2 vol. ilustr.

_____. *Viagem ao Brasil de Alexandre Rodrigues Ferreira II*. [Kapa Editorial, 2003], 3 vol. ilustr.

----- *Viagem ao Brasil de Alexandre Rodrigues Ferreira*. [Kapa Editorial, 2005], 3 vol. ilustr. Coleção etnográfica.

_____. *Viagem ao Brasil de Alexandre Rodrigues Ferreira*. [Kapa Editorial, no prelo], vol. ilustr. Diário.

SPAGGIARI, Barbara; PERUGI, Maurizio. *Fundamentos da crítica textual*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2004.

SPINA, Segismundo. *Introdução à edótica: crítica textual*. 2ª ed. rev. e atual. São Paulo: Ars Poetica; Edusp, [1994].

TOPA, Francisco. *Edição crítica da obra poética de Gregório de Matos*. Dissertação de doutoramento em Literatura Brasileira apresentada à Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Porto: Edição do Autor, 1999. Vol. I, t. 1: Introdução; Recensio (1ª parte); Vol. I, t. 2: Recensio (2ª parte); Vol. II: Edição dos sonetos; Vol. II: Edição dos sonetos; Anexo - Sonetos excluídos..

_____. *O mapa do labirinto*. Inventário testemunhal da poesia atribuída a Gregório de Mattos. Rio de Janeiro: Imago; Salvador: Secretaria da Cultura e Turismo, 2001, 2 vol. Coleção “Bahia: Prosa e Verso”.

VARNHAGEN, Adolfo. *Florilégio da poesia brasileira*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 1946, 3 vols. (A primeira edição é de 1850).

Telefone: (21) 2569-0276, fax: (21) 2568-7538, endereço eletrônico: pereira@filologia.org.br e página pessoal: http://www2.uerj.br/~ffp/departamentos/letras/docentes/jpereira_letras.htm

Somente no século XIX, mais precisamente, em 1831, foram publicados os primeiros poemas de Gregório de Matos, numa antologia organizada por Januário da Cunha Barbosa; em 1843, por J. M. Pereira da Silva; em 1850, por Adolfo Varnhagem e em 1885, por Melo Moraes Filho.

Francisco Topa (1999) encontrou 59 poemas que seguramente não pretendem a Gregório de Matos e 14 de autoria duvidosa entre os 291 sonetos a ele atribuídos, restando apenas 218 sobre os quais a atribuição de autoria parece segura.

Perugi define fator dinâmico como “todo elemento do texto, quer segmental, quer suprasegmental, que seja objeto dum processo mais ou menos complexo, ou extenso, de recodificação, com vista a integrá-lo no sistema lingüístico receptor, lembrando, a seguir, que, sendo “elemento de transformação que se prende em dois sistemas lingüísticos diferentes, o fator dinâmico funciona como traço distintivo em nível de diassistema”. (SPAGGIARI e PERUGI, 2004: 79)

Segismundo Spina não se refere à edição de James Amado, cuja primeira edição saiu um ano após a edição do AI-5 (Ato Institucional nº 5), suspeita de ter conotação política contra a ditadura militar, nem seria possível referir-se ao trabalho de Francisco Topa, que veio à luz quinze anos mais tarde, em 1999.

Não se pôde referir ali ao importante trabalho de Adriano Espínola (2000), que veio trazer novas linhas de reflexão crítica sobre o ilustre baiano, com “um estudo das máscaras poéticas e biográficas de Gregório de Mattos”, levando Ronald de Melo e Souza a concluir que “O enigma de Gregório de Mattos não é

simplesmente filológico, mas radicalmente ontológico.” (MELO E SOUZA, [2000]: 17)

Estes documentos publicados pelo IHGB foram reorganizadas e editados por Carlos Alberto Moreira Neto, num volume intitulado *Viagem Filosófica ao Rio Negro*, para comemorar o bicentenário do início daquela expedição (em 1983), com fomento do CNPq e apoio do Museu Goeldi.